

O RAPOSO E AS LUVAS



Carlos Augusto
Segato

SINOPSE

Recriando a famosa fábula *A raposa e as uvas* de Esopo, Carlos Augusto Segato constrói uma narrativa bastante atual e divertida. Régis, o personagem principal desta história, é um jovem raposo que trabalha em uma feira nos finais de semana, a fim de ganhar algum dinheiro para ampliar sua coleção de histórias em quadrinhos. Em um dia chuvoso, Régis vê saindo da casa mais rica do bairro onde mora uma bela raposinha, chamada Luba, que derruba um delicado par de luvas ao entrar em um carro. Ele tenta chamá-la para devolver as luvas que caíram, mas ela o ignora. Depois de muito tempo, Régis revê Luba em uma festa, mas faz pouco caso dela diante dos amigos. Não parece a raposa que finge desprezar as uvas, porque na verdade não consegue alcançá-las?

PALAVRAS DO AUTOR

Nasci no sul do estado de São Paulo, quase na divisa com o Paraná. Da minha boa infância, trago a lembrança das noites frias de inverno em Itapeva, quando meu pai contava histórias e causos para embalar meu sono. Já minha mãe gostava de ler à cabeceira de minha cama. Dentre os nossos livros havia um grande, de capa luxuosa, com as famosas fábulas de Esopo e La Fontaine.

Sou analista de sistemas em um banco há quase trinta anos. Tenho quase vinte livros publicados. Agora, tantos anos e páginas depois, resolvi recontar para meus leitores uma das fábulas de Esopo mais conhecidas, *A raposa e as uvas*, transposta para os nossos dias.

FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Ricardo Girotto

Formato: 18 x 26 cm

Número de páginas: 32

Coleção: *Confabulando*

ISBN: 978-85-7472-908-4

Indicação: A partir de 9 anos

O RAPOSO E AS LUVAS



Carlos Augusto Segato

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

O RAPOSO E AS LUVAS



Carlos Augusto
Segato

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

O RAPOSO E AS LUVAS



Carlos Augusto
Segato

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um

O RAPOSO E AS LUVAS



**Carlos Augusto
Segato**

personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

O RAPOSO E AS LUVAS



Carlos Augusto
Segato

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

O RAPOSO E AS LUVAS



Carlos Augusto
Segato

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

O RAPOSO E AS LUVAS



Carlos Augusto
Segato

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Apresente o livro aos alunos e diga que foi inspirado na fábula “A raposa e as uvas”, de Esopo. Investigue se eles conhecem este texto e, em caso afirmativo, relembre alguns aspectos da história. Peça então que lancem hipóteses sobre o título da obra de Carlos Augusto Segato, buscando estabelecer uma relação intertextual entre a fábula original e *O raposo e as luvas*. Se os alunos não conhecerem o texto de Esopo, sugere-se uma leitura prévia, para depois ser explorada a intertextualidade.
2. Faça uma discussão sobre alguns elementos da capa, relacionando-os ao título. As ilustrações dão pistas sobre a história que irão ler? É possível identificar o personagem principal a partir delas?

DURANTE A LEITURA

1. Inicie o trabalho explorando a caracterização e o dia a dia do raposo Régis: o fato de ser tímido, trabalhador e esforçado. Onde ele trabalhava? O que gostava de colecionar? Chame a atenção para a curiosidade que ele tem em relação à casa diante da qual passava todos os dias. O que o intrigava nessa casa?
Destaque o fato de que ali morava a raposinha Luba, uma das figuras centrais do enredo. Qual foi a impressão que ele teve ao vê-la pela primeira vez? Por quê? Questione o comportamento de Régis em relação às luvas que caíram do carro: ele as guarda numa caixinha de madeira, com todo o cuidado. Incentive os alunos a refletir sobre o que essas luvas representam para o raposinho, a ponto de guardá-las com tanto carinho.
2. Inspirado pelo macaco Alonso e seu teclado, Régis nutria o desejo de se tornar músico. Para tanto, ele começa a economizar seu dinheiro, na expectativa de poder adquirir seu próprio instrumento. No entanto, ao cobiçar o teclado comercializado na feira pelo urso Ugolino, ele se depara com um grande dilema. Discuta com os alunos a questão da venda de produtos piratas e pergunte a eles o que faz com que Régis mude de opinião sobre a compra do instrumento na barraca do urso.
Aproveite para explorar as ilustrações das p. 20-21, pedindo aos leitores que identifiquem a relação entre as imagens e o texto: como Ugolino está vestido e o que representa, no contexto, a caveira de pirata? Se quiser, converse com os alunos sobre o que faziam os piratas, pergunte a eles se conhecem histórias e/ou filmes envolvendo piratas, etc.
3. No meio da história acontece o “rebuliço” relativo ao urso Ugolino, que, além de vender objetos pirateados, acaba fugindo com o dinheiro de seus clientes. Abra um espaço de discussão sobre o acontecimento, pondo em questão a atitude do urso. Leve os alunos a refletir sobre os valores que estão em jogo, como correção/contravenção e honestidade/desonestidade, instigando-os a se manifestar e dar suas opiniões. O professor deve mediar os comentários e eventuais polêmicas que vierem à tona.

O RAPOSO E AS LUVAS



Carlos Augusto
Segato

4. Chame a atenção para o fato de que o personagem Régis ganha papel de destaque no episódio, pois ajuda seu tio delegado a encontrar um comparsa do criminoso. O tio é promovido e, como recompensa ao sobrinho, ajuda-o a comprar o tão sonhado teclado. Faça algumas perguntas para explorar essa parte do texto: que informação o raposinho fornece ao tio que faz com que a polícia chegue até Ugolino? Por que razão Régis pôde relacionar o urso ao guaxinim? Leve os alunos a perceberem que a resolução deste conflito é central na construção do enredo, pois marca o momento em que o personagem principal pode, enfim, realizar seu sonho.

5. Trabalhe com os alunos a presença de duas histórias que caminham paralelas nessa fábula contemporânea: a descoberta, por Régis, do amor pela música, assim como a descoberta do amor pela raposinha. E, ao final, a convergência dessas duas situações, quando Luba se encanta por Régis em uma festa, na qual ele está tocando seu teclado. Neste momento, as luvas perdidas retornam à cena: de que forma a raposinha reage ao recebê-las de volta?

6. À medida que explora aspectos da construção da narrativa, incentive também as crianças a fazer uma ligação entre o enredo e as ilustrações, mostrando a eles o quanto esse aspecto da produção de um livro amplia e enriquece a leitura.

DEPOIS DA LEITURA

1. É possível ampliar a relação intertextual entre a fábula de Esopo e a obra *O raposo e as luvas*, propondo a escrita de uma lista contendo as principais diferenças e semelhanças entre os textos, atentando para os aspectos da transposição para os dias de hoje em relação a cenário, caracterização dos personagens, enredo, etc.

2. As fábulas nos ajudam a refletir e a buscar soluções éticas para possíveis problemas do cotidiano. O professor pode explorar os valores que aparecem na história como honestidade, perseverança e amizade. Incentive os alunos a opinarem sobre esses temas, apontando para a forma como eles são tratados no livro. Há concordância? Discordância? Os alunos dariam outros rumos para as situações (a devolução da luva, a economia do dinheiro, a denúncia do guaxinim criminoso...)?

3. Como geralmente ocorre nas fábulas, *O raposo e as luvas* apresenta animais com características humanas, tanto com bons quanto com maus comportamentos/attitudes. Essa estratégia de colocar nos animais características humanas faz com que possamos ver melhor determinados comportamentos nossos, trazendo-nos a possibilidade de refletir sobre eles e oferecendo-nos a possibilidade de mudança de nossas ações.

Sabemos, porém, que os animais não falam ou se comportam como os seres humanos. Por vezes, se comportam de modo semelhante a nós, em alguns aspectos, fazendo com que nos perguntemos: “mas, e se falassem ou pensassem de forma mais complexa?”. Indagações como esta aparecem frequentemente em *A vida íntima de Laura*, de Clarice Lispector. Ao contar a história de uma galinha chamada Laura, a narradora diversas vezes imagina o que Laura estaria pensando numa ou noutra situação com a qual se depara.

Ao mesmo tempo em que imagina o que a galinha poderia pensar ou dizer quando a dona da casa pede à cozinheira para que faça Laura ao molho pardo, por exemplo, a narradora

O RAPOSO E AS LUVAS



Carlos Augusto
Segato

afirma saber que as galinhas não falam. Laura, no entanto, ao saber da ameaça de ir para a panela, usa de suas artimanhas para conseguir escapar.

Tanto na fábula quanto na imaginação sobre o que o animal pensaria ou diria, ambas as histórias, de modos diferentes, nos fazem refletir a respeito de muitas de nossas ações. Aproveite, então, para discutir com os alunos as questões humanas que são transpostas para a “pele” dos animais na obra de Segato: o raposo dedicado e perseverante, o urso corrupto, a raposinha delicada e vaidosa, o tamanduá honesto. Pergunte se é mais fácil abordar alguns temas dessa maneira, colocando como protagonistas os bichos e não as pessoas. Por quê? Peça a eles que justifiquem suas opiniões.

4. Em *O raposo e as luvas*, o teclado do macaco Alonso deixa Régis muito admirado, fazendo com que busque com seus esforços também se tornar músico. Para isso, passa a estudar música e a economizar o dinheiro que ganhava (antes destinado a comprar histórias em quadrinhos) com vistas a comprar um teclado próprio. Outra história que também apresenta animais como músicos é a do musical *Os saltimbancos* (Polygram), de Chico Buarque, lançado em 1977.

O conto que dá origem ao musical chama-se *Os músicos de Bremen*, dos irmãos Grimm. Na história dos dois irmãos, um burro, um cão, um gato e um galo, maltratados por seus donos, os abandonam e decidem ir para Bremen, uma cidade onde conhecerão a liberdade.

No musical de Chico Buarque, a história é semelhante: um burro, cansado do trabalho forçado e de ser chamado de preguiçoso, decide abandonar o que faz; no caminho, encontra um cão que se prontifica a estar sempre alerta e obediente ao novo amigo; em seguida, aparecem uma galinha, que deixa o lugar onde morava por já não colocar ovos, e também uma gata, que fora expulsa de casa devido a uma cantoria (uma das canções, bastante conhecida, que faz parte do musical, é “A história de uma gata”, que conta como a gata foi expulsa de casa).

Além de divertida, essa história, assim como a de Régis, o jovem raposo, transmite uma lição de perseverança. Os animais juntam-se com o intuito de serem músicos e de cantarem na cidade. No caminho, encontram uma casa e decidem unir suas “armas” (a força do burro, os dentes do cão, as unhas da gata e o bico da galinha) para expulsar os homens que estavam lá. Por fim, acabam ficando na casa e desistem da idéia de irem à cidade. Régis, por sua vez, acredita em sua própria capacidade e se esforça para realizar seu sonho, conseguindo transformá-lo em realidade ao final da história.

Com base na história do raposinho e também levando em consideração o comportamento dos animais do musical (e da fábula que o inspira), trabalhe com os alunos a ideia de que, em nosso caminho, sempre aparecerão obstáculos, dificuldades, etapas a serem vencidas. Ressalte o exemplo de Régis, que precisa trabalhar para poder comprar suas histórias em quadrinhos e, depois de descobrir a música, sacrifica-se ainda mais, economizando todo o dinheiro que outrora era destinado à sua coleção para adquirir um teclado.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes, Gilmar Falk Ferreira Brunetto, Jardel Pelissari Machado, Lorena Ostrovski e Luciana Princival Ivankio